



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE
CIÊNCIAS DE PINHEIRO COORDENAÇÃO DO
CURSO DE ENFERMAGEM

GUILHERME WILLIAM CRUZ DOS SANTOS

**AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE: CONHECIMENTO
E FATORES BIOPSISSOCIAIS**

PINHEIRO – MA
2024

GUILHERME WILLIAM CRUZ DOS SANTOS

**AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE: CONHECIMENTO
E FATORES BIOPSISSOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, campus Pinheiro, como requisito para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orinetadora: Me. Walquiria do Nascimento Silva

PINHEIRO – MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

dos Santos, Guilherme William Cruz.

Automedicação em Profissionais De Saúde: Conhecimento e Fatores Biopsicossociais / Guilherme William Cruz dos Santos. - 2024.

44 p.

Orientador(a): Walquíria do Nascimento Silva.

Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro - Ma, 2024.

1. Automedicação. 2. Medicamentos Sem Prescrição. 3. Uso de Medicamentos. I. Silva, Walquíria do Nascimento. II. Título.

GUILHERME WILLIAM CRUZ DOS SANTOS**AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE: CONHECIMENTO
E FATORES BIOPSISSOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, campus Pinheiro, como requisito para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Aprovado
em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Walquíria do Nascimento Silva (Orientadora)

Mestre em Saúde e Ambiente
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Francielle Costa Moraes (1ª Avaliadora)

Mestre em Biologia parasitária
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Luciane Sousa pessoa Cardoso (2ª Avaliadora)

Doutora em a saúde coletiva
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a minha mãe e ao meu filho, Dalila de Fátima Ferreira Cruz e Heitor William de Melo Cruz, minhas motivações diárias. E também aos meus familiares e amigos que estiveram ao meu lado e torceram pelo meu sucesso durante essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar nesta jornada difícil, sempre me dando coragem e motivação para não desistir. Sua presença é real em minha vida e foi fundamental em cada passo dado e em cada desafio enfrentado.

Ademais, gostaria de agradecer a minha família, avôs, tio e tias, meus primos e em especial, minha mãe, minha amiga, maior inspiração e apoio incondicional. Sua força e dedicação me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos. Sou profundamente grato por todo amor, incentivo e por sempre acreditar que o menino de zona rural de uma cidade pequena poderia alcançar grandes feitos através de seu esforço, sem medir esforços trabalhou manhã, tarde e noite para que não me faltasse nada, seus esforços ensinamentos me tornaram quem sou hoje.

Agradeço também ao meu amado pai, Geanilson Correa dos Santos, que apesar do distanciamento entre nós atualmente, ainda caminha pelos meus pensamentos e está presente sempre em minhas orações, pois você, que foi meu grande amigo, cuidou de mim da sua melhor maneira e me transmitiu ensinamentos grandiosos de vida e eu não poderia deixá-lo de lado ao escrever esse texto.

Durante essa caminhada, conheci companheiros que me ajudaram a continuar nessa luta, agradeço aos meus amigos do Grupo G3, pela parceria, colaboração e amizade ao longo dessa caminhada. Juntos, enfrentamos desafios, compartilhamos conhecimentos e aprendemos uns com os outros, gostaria de afirmar que foi uma honra partilhar desse final de curso com vocês.

Agradeço especialmente a Andreyana de Melo Cavalcante da Silva, minha companheira, que aceitou caminhar ao meu lado, seu amor, compreensão e apoio constante foram essenciais para que eu pudesse alcançar mais essa conquista. E também ao meu amado filho, Heitor, que é minha maior razão para lutar e superar os obstáculos. Você é minha inspiração diária e o maior presente que a vida me deu.

E por fim, a todos que participaram direta ou indiretamente, gostaria de agradecer-los por fazerem parte desse capítulo da minha vida. A todos vocês, meus sinceros agradecimentos.

*“Mesmo sem um dom, Mesmo sem talento
Eu posso ser bom com muito treinamento
Pra provar minha teoria, vou até o final
O trabalho duro vence o dom natural”*

(PLAYER TAUZ)

RESUMO

INTRODUÇÃO: A automedicação é a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças sem o aconselhamento de um profissional de saúde qualificado para determinada função. Embora pareça conveniente e solução rápida para problemas de saúde menores, essa prática pode ser perigosa, podendo mascarar sintomas mais graves, causar efeitos colaterais ou resistência microbiana e até mesmo problemas psicológicos. **OBJETIVO GERAL:** O presente estudo buscou pesquisar na literatura atual a prática da automedicação e os impactos biopsicossociais em profissionais de saúde. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa da literatura, que foi incentivada pelo desejo de entender como os fatores sociais e psicológicos dos profissionais de saúde colaboram para a prevalência da automedicação nessa classe. Para isso, foram levantados artigos nas bases de dados: Base de Dados em Enfermagem (BDEnf), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed/Medline, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciElo), foi buscado artigos publicados no período de 2014 a 2024 utilizando os descritores das Ciências da Saúde (DeCS): automedicação; profissional de enfermagem; medicamentos sem prescrição. **RESULTADOS:** Foram encontrados 1.050 trabalhos, que foram submetidos aos critérios de inclusão e não inclusão desta pesquisa e ferramenta de triagem, resultando no apanhado de 18 artigos que atendiam aos critérios de legibilidade para inclusão neste estudo.

CONCLUSÃO: A automedicação entre profissionais de saúde, especialmente de Enfermagem, reflete fatores laborais, culturais e estruturais do ambiente de trabalho. Essa prática, impulsionada por fácil acesso a medicamentos, sobrecarga ocupacional e percepção de invulnerabilidade, traz riscos biológicos, psicológicos e sociais. É essencial promover políticas de conscientização, melhorar as condições de trabalho e investir na educação sobre o uso racional de medicamentos para proteger a saúde dos profissionais e garantir a qualidade da assistência aos pacientes.

Palavras-chave: Automedicação. Medicamentos sem prescrição. Uso de medicamentos.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Self-medication is the selection and use of medicines to treat symptoms and illnesses without the advice of a healthcare professional qualified for a specific function. Although it seems convenient and a quick solution for minor health problems, this practice can be dangerous, potentially masking more serious symptoms, causing side effects or microbial resistance, and even psychological problems. **GENERAL OBJECTIVE:** This study aimed to research in the current literature the practice of self-medication and its biopsychosocial impacts on healthcare professionals. **METHODOLOGY:** This is an integrative literature review research, motivated by the desire to understand how the social and psychological factors of healthcare professionals contribute to the prevalence of self-medication in this class. For this purpose, articles were collected from databases: Nursing Database (BDEnf), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), PubMed/Medline, Virtual Health Library (BVS), Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SciELO), searching for articles published from 2014 to 2024 using Health Sciences descriptors (DeCS): self-medication; nursing professional; non-prescription drugs. **RESULTS:** A total of 1,050 works were found, which were subjected to the inclusion and no inclusion criteria of this research and screening tool, resulting in a collection of 18 articles that met the eligibility criteria for inclusion in this study. **CONCLUSION:** Self-medication among healthcare professionals, especially in Nursing, reflects labor, cultural, and structural factors of the work environment. This practice, driven by easy access to medications, occupational overload, and a perception of invulnerability, poses biological, psychological, and social risks. It is essential to promote awareness policies, improve working conditions, and invest in education on the rational use of medications to protect the health of professionals and ensure the quality of patient care.

Keywords: Self-medication. Over-the-counter medications. Medication use.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cruzamento de descritores para busca nas bases de dados.....	21
Quadro 2: Estudos incluídos para discussão.....	23

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma detalhado dos artigos selecionados..... 27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. JUSTIFICATIVA.....	16
3. REVISÃO DE LITERATURA	17
3.1 A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO	17
3.2. AUTOMEDICAÇÕES NO CONTEXTO GERAL E EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE	18
3.3. AUTOMEDICAÇÃO E FATORES BIOPSISSOCIAIS EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE	20
3.4. RISCOS E CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO	22
4. OBJETIVOS	24
4.1. OBJETIVOS GERAIS	24
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
5. METODOLOGIA	25
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
6.1. EIXO 1 - Medicamentos mais utilizados	31
6.2. EIXO 2 – Principais motivos que levam à automedicação	34
6.3 EIXO 3 – Fatores biopsicossociais da automedicação e profissionais de saúde.....	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças sem o aconselhamento de um profissional de saúde qualificado para determinada função. (OMS, 1998).

Diversos fatores podem acarretar o uso de medicamentos sem prescrição, dentre eles: conhecimento sobre os sintomas ou doença, venda desordenada de medicamentos, fácil aquisição pelos profissionais que trabalham na área da saúde, crença, recursos financeiros limitados, falta de tempo para procurar assistência especializada, entre outros. As publicidades de medicamentos são uma das causas que transmitem um olhar inócuo do fármaco para o público leigo, o que esconde possíveis riscos para a saúde, se não utilizados adequadamente (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020).

Em países desenvolvidos, o número de medicamentos de venda livre tem crescido, assim como a disponibilidade desses medicamentos em estabelecimentos não farmacêuticos, o que favorece o processo de automedicação. Nesses países, no entanto, os rígidos controles estabelecidos pelas agências reguladoras e o crescente envolvimento dos profissionais de saúde com a orientação dos usuários de medicamentos, tornam menos problemática a prática do autocuidado.

Ademais, a automedicação é uma atividade global, no Brasil a mesma é praticada por aproximadamente 80 milhões de pessoas, onde 35% dos medicamentos adquiridos são utilizados para automedicação e 44,1% deles necessitam de prescrição médica para sua obtenção. O Brasil ocupa o primeiro lugar na América Latina e o quinto no mundo em consumo de medicamentos, resultando em aproximadamente 24 mil mortes por intoxicação por drogas no país a cada ano. (SANTOS et al., 2020). O acesso à assistência médica pública é difícil e onde há uma grande parcela da sociedade na faixa da pobreza que não tem condições financeiras para pagar um plano de saúde, a prática da automedicação torna-se bastante comum (MARIN et al., 2016).

Assim como a facilidade de aquisição de medicamentos sem retenção de receita e aos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), contribui

significativamente para que ocorra o uso indevido dos fármacos associado às questões culturais e socioeconômicas que influenciam nesta prática (REIS et al., 2018).

Outrossim, inúmeras são consequências da prática auto medicamentosa para o ser humano, como por exemplo, demora no diagnóstico ou diagnóstico errado, em virtude do devido do mascaramento dos sintomas, permitindo o agravamento da patologia, a escolha de um medicamento ineficaz, uma dosagem inadequada e uso muito curto ou prolongado do medicamento, a dependência; a possibilidade de efeitos adversos graves; o desconhecimento das interações com outras drogas; reações alérgicas, intoxicações. Além das consequências a vida humana, as reações adversas a medicamentos também afetam significativamente os custos com a saúde (MATOS et al., 2018).

Os profissionais de saúde constituem um grupo de trabalhadores vulneráveis à prática do autocuidado devido à interação entre habilidades técnicas (compreensão do processo saúde-doença), relações interpessoais e crescentes responsabilidades (TOMASI et al., 2007). Dentre esses indivíduos uma parcela chama bastante atenção, os profissionais da equipe de enfermagem, pois representam maior percentual no ambiente hospitalar, sendo considerados linha de frente na prestação de cuidados ao paciente. Contudo, o ato de automedicação presente desde a graduação se torna preocupante devido o contato direto da equipe e com a dispensação, prescrição e administração de medicações, pois, tais profissionais são responsáveis por ações de promoção e prevenção da saúde (CARDOSO et al., 2020).

Desse modo, uma pesquisa realizada com 160 enfermeiros que trabalham na rede hospitalar de Rio Branco - Acre revelou que 68,3% consideravam seu trabalho um risco à saúde e já haviam se automedicado com analgésicos. Outra pesquisa sobre a prevalência da automedicação entre funcionários de enfermagem abrangendo 1.509 pessoas mostrou que 24,2% deles se automedicaram, sendo 43,4% deles os analgésicos foi o mais consumido (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020).

A tendência à automedicação em profissionais de saúde é preocupante, o que pode estar relacionado às atividades laborais, estresse físico e depressão (DOMINGUES et al., 2017; MACIEL MPGS, et al., 2017).

Dessa forma, o desenvolvimento dessa pesquisa surgiu por, principalmente, movido pela necessidade de ter um olhar mais voltado ao cuidado com o cuidador, em outras palavras, surge da necessidade de entender e promover cuidado para aqueles profissionais que são responsáveis pelo atendimento ao paciente, tendo em foco para os profissionais da enfermagem, médicos, técnicos de enfermagem, farmacêutico, dentista, fisioterapeuta, psicólogos, nutricionistas.

Em vista desse cuidado com essa classe de profissionais, essa revisão de literatura parte do objetivo de investigar na literatura atual a prevalência da prática de automedicação entre os profissionais de enfermagem e identificar os fatores que contribuem para essa prática. Além disso, busca-se também entender os fatores que levam à prática e quais os fármacos comumente utilizados.

Pois, de acordo com Machado et al. (2020) diferente da população em geral, a prática de se automedicar é realizada com maior facilidade entre os profissionais da saúde, durante a sua rotina de trabalho, onde o fácil acesso o manuseio rotineiro e familiaridade com os medicamentos favorecem para que tal ato ocorra.

2. JUSTIFICATIVA

A prática da automedicação é um ato que pode gerar inúmeras complicações ao ser humano no decorrer da vida. Dentre os riscos da utilização indevida de fármacos, podem ser destacados o diagnóstico atrasado e equivocado de doenças devido ao mascaramento da patologia, reações alérgicas, dependência medicamentosa e intoxicação associada a altas dosagens e tempo incorreto de uso, medicamentos, etc. (MATOS et al., 2018).

Ademais, diferente da população em geral, a prática de automedicação é realizada com maior facilidade entre os profissionais da saúde durante sua rotina de trabalho, devido ao fácil acesso, ao manuseio rotineiro e à familiaridade com os medicamentos, que favorecem tal ato. (MACHADO et al., 2020). Motivos como dores nas costas, cefaleia, vômito, dores em membros inferiores, varizes, transtornos do sono e resfriados comuns, muitas vezes associados a jornadas de trabalho exaustivas e sobrecarregadas, têm sido mencionados pelos profissionais como fatores que contribuem para o uso de medicações sem prescrição.

Outrossim, o aumento na realização de tal prática ocorre em virtude da simplicidade e frequência desses quadros, gerando a impressão de tratamento da enfermidade. Isso reduz a busca por especialistas, limitando-se apenas ao alívio instantâneo dos sinais e sintomas, mesmo que a medicação utilizada se mostre eficaz apenas temporariamente (GONZAGA, 2021; FERREIRA; PRADO, 2020).

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL E NO MUNDO

O uso correto de medicamentos torna-os uma ferramenta eficaz na terapia; no entanto, o uso inadequado representa um grave problema de saúde pública global, com significativas implicações econômicas. Na década de 60, a tragédia global da talidomida, que também afetou o Brasil, resultou em cerca de sete mil brasileiros sendo vítimas do uso desse medicamento. No entanto, a conscientização sobre os perigos associados ao uso de medicamentos ainda se dissemina de forma lenta no país (BRITO, 2018).

Com o passar dos anos, a automedicação tem se transformado em um sério desafio para a saúde pública devido à facilidade de acesso aos medicamentos e ao seu uso sem supervisão médica. Essa prática é adotada sem distinção de classe social ou econômica e pode acarretar diversos riscos à saúde da comunidade, especialmente entre grupos mais informados, como os estudantes universitários, que têm se mostrado particularmente suscetíveis a esse comportamento (COSTA et al., 2022).

De acordo com Xavier et al. (2021), essa prática tornou-se amplamente difundida na sociedade e pode estar associada a diversas causas. Entre elas, destacam-se a diversidade de produtos disponibilizados pela indústria farmacêutica, a facilidade de acesso aos medicamentos, a cultura e conveniência internalizadas pela sociedade, a vasta gama de informações médicas acessíveis e a substituição inadvertida da consulta médica por sugestões de medicamentos vindas de fontes não autorizadas, incluindo familiares, amigos ou funcionários de farmácias.

Além disso, essa conduta também é frequentemente relacionada à melhora de sintomas autolimitados e ao controle de condições crônicas, especialmente no tratamento de dores de cabeça, dores musculares, resfriados comuns, náuseas e vômitos, entre outros. O aumento dessa prática pode ser atribuído à simplicidade e à recorrência dos sintomas, o que traz uma sensação de segurança no tratamento de doenças sem a necessidade de consulta médica. Assim, a automedicação é restrita

ao alívio imediato dos sintomas, sem buscar o auxílio de um profissional especializado caso a medicação não resolva o problema (LUCA et al., 2023).

Igualmente, já no Brasil, segundo Matos et al., (2018) a prática da automedicação remonta ao período colonial, durante a colonização portuguesa, quando a saúde estava sob a responsabilidade dos boticários, que prescreviam remédios sem respaldo científico para a população. Quase três séculos depois, muitos brasileiros ainda recorrem diretamente às farmácias para lidar com problemas de saúde, como dores de cabeça e hipertensão. Além de ser uma prática cultural, a automedicação está associada à morte de 20 mil pessoas por ano no Brasil, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (Abifarma).

Ademais, Ferreira et al (2021) trazem em seu estudo, dados do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ) que conduziu uma pesquisa sobre automedicação no Brasil, envolvendo 2.090 participantes em 120 municípios brasileiros. A pesquisa foi realizada de maneira qualitativa, abrangendo tanto homens quanto mulheres com 16 anos ou mais, entrevistadas individualmente. As entrevistas foram realizadas em setembro de 2018, com base em dados do censo de 2010 e 2018 fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados revelaram que em 2014, 76% da população brasileira praticava automedicação, enquanto em 2016 houve uma queda para 72%, seguida por um aumento para 79% em 2018.

Alguns outros estudos demonstram que esses números são ainda mais elevados entre as mulheres e os residentes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. Esses dados têm despertado preocupação nas entidades ligadas à saúde. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem enfatizado a urgência em se combater a prática da automedicação, destacando a importância de usar medicamentos apenas quando necessário e sob supervisão e prescrição médica e profissional (DUARTE; FREITAS; SILVA, 2023).

3.2. AUTOMEDICAÇÕES NO CONTEXTO GERAL E EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE

A automedicação é um comportamento comum não apenas entre a população geral, mas também entre os profissionais da saúde. Estudos mostram que a

prevalência da automedicação entre esses profissionais é alta, variando dependendo da categoria profissional e do local de estudo, o que traz riscos significativos à saúde dos próprios profissionais e impacta negativamente a qualidade do atendimento prestado (COSTA ALMEIDA et al., 2022).

Segundo Vilarino et al. (1998), a prática de automedicação entre profissionais da saúde pode ser influenciada pelo fácil acesso a medicamentos e pelo conhecimento prévio sobre fármacos, que pode levar a uma falsa sensação de segurança. Além disso, muitos profissionais da saúde acreditam que seu conhecimento é suficiente para determinar a necessidade de medicamentos sem a consulta a outro profissional (COSTA ALMEIDA et al., 2022). No entanto, essa prática pode acarretar riscos significativos, como interações medicamentosas, reações adversas e a criação de resistências antimicrobianas. Dessa forma, a automedicação pode mascarar sintomas de doenças mais graves, atrasando o diagnóstico e tratamento adequados (OMS, 2012).

Outro fator que contribui para a automedicação é a rotina exaustiva e estressante dos profissionais da saúde, que muitas vezes não encontram tempo para consultar outro profissional ou se consideram capazes de autodiagnosticar e tratar suas condições. A pressão por resultados e a alta demanda de trabalho podem levar esses profissionais a buscar soluções rápidas e práticas para seus problemas de saúde, optando pela automedicação como uma alternativa conveniente. Além disso, a cultura de autossuficiência e a falta de apoio emocional e psicológico podem reforçar essa prática inadequada (DOMINGUES et al., 2017; MACIEL et al., 2017).

A automedicação também pode ser influenciada pelo ambiente de trabalho dos profissionais da saúde. Em muitos casos, a disponibilidade de medicamentos nos locais de trabalho e a convivência com outros profissionais que também se automedicam podem facilitar o acesso e encorajar essa prática. Oliveira et al. (2022) destacam que a automedicação é frequentemente vista como uma prática aceitável e comum entre os profissionais da saúde, o que contribui para a sua perpetuação.

Os grupos terapêuticos mais utilizados para automedicação entre profissionais da saúde incluem analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e ansiolíticos (BRITO et al., 2018). Esses medicamentos são comumente utilizados para aliviar dores, reduzir inflamações, combater infecções e manejar sintomas de ansiedade e estresse. No

entanto, o uso indiscriminado desses fármacos pode levar a consequências graves, como intoxicações, reações adversas e dependência (SADO et al., 2017).

É importante destacar que a automedicação não é uma prática isenta de riscos. Mesmo profissionais da saúde, com seu conhecimento técnico, podem subestimar os perigos associados ao uso inadequado de medicamentos. A implementação de programas educativos e de conscientização sobre os riscos da automedicação, bem como a promoção de um ambiente de trabalho saudável e de apoio emocional, são medidas essenciais para reduzir essa prática entre os profissionais da saúde (REIS et al., 2019).

A promoção de uma cultura de segurança e de autocuidado entre os profissionais da saúde é fundamental para prevenir a automedicação. Isso inclui a valorização do cuidado com a própria saúde, o estímulo à busca de ajuda profissional quando necessário e a criação de políticas institucionais que restrinjam o acesso indiscriminado a medicamentos. A integração de disciplinas sobre uso racional de medicamentos nos currículos de formação dos profissionais da saúde pode contribuir para a conscientização sobre os riscos da automedicação e para a adoção de práticas mais seguras e responsáveis (OLIVEIRA et al., 2022).

3.3. AUTOMEDICAÇÃO E FATORES BIOPSIKOSSOCIAIS EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE

A automedicação é uma prática comum entre os profissionais da saúde, influenciada por uma série de fatores biopsicossociais. Esses fatores englobam aspectos biológicos, psicológicos e sociais que contribuem para a predisposição à automedicação, impactando a saúde e o bem-estar desses profissionais (BRITO, et al, 2018).

Os fatores biológicos referem-se às características físicas e fisiológicas dos profissionais da saúde que podem influenciar a prática da automedicação. Por exemplo, a presença de doenças crônicas ou condições de saúde que requerem manejo contínuo pode levar os profissionais a optarem pela automedicação como uma solução prática e rápida (BITTAR, et al., 2015). Esse estudo indica que a prevalência de automedicação é maior entre aqueles que sofrem de dores crônicas, como dores de cabeça e musculares, ou condições como insônia e ansiedade.

Além disso, a automedicação pode ser influenciada pelo ciclo biológico do indivíduo, como alterações hormonais e metabólicas. Mulheres profissionais da saúde, por exemplo, podem recorrer à automedicação para tratar sintomas associados ao ciclo menstrual, menopausa ou outras condições hormonais (BITTAR, et al., 2015).

Além disso, os fatores psicológicos também desempenham um papel significativo na automedicação entre profissionais da saúde. A pressão por resultados, a alta carga de trabalho e a responsabilidade inerente à profissão podem levar ao estresse e à ansiedade. Como resultado, muitos profissionais recorrem à automedicação como uma forma de aliviar os sintomas psicológicos e emocionais (CARDOSO et al., 2020).

Além disso, a falta de apoio emocional e psicológico no ambiente de trabalho pode agravar a situação. Profissionais da saúde que não encontram um espaço para expressar suas preocupações e emoções podem recorrer à automedicação como um mecanismo de enfrentamento (TOMASI et al., 2007).

A autopercepção de invulnerabilidade e o conhecimento técnico sobre medicamentos também podem contribuir para a automedicação. Muitos profissionais da saúde acreditam que possuem conhecimento suficiente para autodiagnosticar e tratar suas condições, sem a necessidade de consultar outro profissional. No entanto, essa autoconfiança pode levar a decisões inadequadas e riscos à saúde (OLIVEIRA et al., 2023).

Os fatores sociais envolvem as influências externas e o ambiente em que os profissionais da saúde estão inseridos. A cultura organizacional e a disponibilidade de medicamentos nos locais de trabalho são fatores determinantes na prática da automedicação. Em muitos casos, a facilidade de acesso a medicamentos e a normalização dessa prática entre colegas encorajam os profissionais a se automedicarem (FERREIRA et al., 2021).

Por conseguinte, a percepção social sobre a automedicação pode influenciar o comportamento dos profissionais. Em algumas culturas, a automedicação é vista como uma prática aceitável e até mesmo recomendada, o que pode reforçar a tendência entre os profissionais da saúde. A pressão para manter a produtividade e o

desempenho, muitas vezes exacerbada por expectativas sociais e profissionais, também contribui para a automedicação (DOMINGUES et al., 2015).

A automedicação entre profissionais da saúde é um fenômeno complexo que resulta da interação de múltiplos fatores biopsicossociais. A compreensão desses fatores é essencial para a criação de estratégias eficazes de prevenção e promoção da saúde. Programas de conscientização, apoio psicológico e políticas institucionais que restrinjam o acesso indiscriminado a medicamentos são fundamentais para reduzir a prática da automedicação e melhorar o bem-estar dos profissionais da saúde (OLIVEIRA et al., 2023).

3.4. RISCOS E CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO

Globalmente, indivíduos praticam automedicação diariamente, independentemente de seu país de origem ou faixa etária. Essa prática pode resultar em problemas relacionados a medicamentos, como erros de dosagem, reações adversas e interações medicamentosas. Além disso, pode levar ao desenvolvimento de resistência antimicrobiana, mascaramento de doenças em progressão e gastos desnecessários com medicamentos inadequados, contribuindo para um debate potencialmente prejudicial sobre automedicação (GAMA; SECOLLI, 2020).

Igualmente, de acordo com os pesquisadores Duarte, Freitas e Silva (2023), automedicar-se é altamente perigoso, podendo causar danos significativos e irreversíveis ao organismo, resultando em perdas substanciais e comprometimento das funções corporais. Os prejuízos associados a essa prática incluem principalmente as reações adversas desencadeadas pela ação farmacodinâmica dos medicamentos, que podem ser exacerbadas dependendo da quantidade e frequência de sua ingestão, além da faixa etária da pessoa que o utiliza.

Para exemplificar, uma consequência alarmante da automedicação são as intoxicações medicamentosas, as quais surgem devido a processos complexos envolvendo tanto aspectos farmacodinâmicos quanto farmacocinéticos, os quais estão relacionados às características individuais, às propriedades do produto farmacêutico e às interações com outros medicamentos e alimentos. No Brasil, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox/Fiocruz) registrou, somente em 2017, cerca de 20 mil casos de intoxicação por uso de medicamentos,

resultando em 50 mortes, correspondendo a uma taxa de letalidade de 0,25%. Nesse mesmo ano, os medicamentos foram a principal causa de intoxicação humana por agentes tóxicos, representando 27,11% do total de casos registrados desse tipo de toxicidade. Em relação à faixa etária, observou-se uma predominância de casos em crianças menores de 4 anos e em jovens adultos (20 a 29 anos) que sofreram envenenamento por medicamentos em 2017 (XAVIER et al., 2021).

Diversos estudos identificaram os principais riscos associados à automedicação, incluindo o acúmulo inadequado de medicamentos no organismo, possíveis interações entre diferentes fármacos, erros na dosagem, duração inadequada do tratamento, ocorrência de efeitos adversos graves e autodiagnóstico incorreto (GOMES et al., 2021).

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVOS GERAIS

- Pesquisar na literatura atual a prática da automedicação e os impactos biopsicossociais em profissionais de saúde.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quais os principais fármacos utilizados;
- Quais os principais sintomas clínicos que levam ao ato de automedicação dentre os profissionais de saúde;
- Descrever os impactos biopsicossociais da automedicação em profissionais da saúde.

5. METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa de revisão integrativa da literatura, que busca a compreensão acerca da automedicação nos profissionais de saúde do Brasil. A revisão integrativa de literatura se deu através da teoria e método que definiu a divisão deste estudo em identificação do problema, pesquisa bibliográfica, avaliação dos dados, análise dos dados e a apresentação da revisão de literatura (WHITTEMORE E KNAFL, 2005).

O problema que incitou a presente pesquisa foi: “Como os fatores sociais e psicológicos dos profissionais de saúde colaboram para a prevalência da automedicação nessa classe”.

As fontes de informação acessadas online para a presente pesquisa foram: Base de Dados de Enfermagem (BDEnf), literatura latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Pubmed/Medline, Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS), Google Acadêmico, Embase e o portal de periódicos Scientific Eletronic Library Online (SciELO).

Na busca da literatura foi utilizando os descritores controlados oriundos dos descritores das Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH): automedicação, profissional de enfermagem, medicamentos sem prescrição, e em inglês Self-medication, Nursing Professionals e Over-the-counter medications. Durante o processo de busca foi empregado o operador booleano AND, como mostrado no quadro a seguir (QUADRO 1).

Quadro 1: Cruzamento de descritores para busca nas bases de dados. Pinheiro, 2024.

Descritores em português	Descritores em inglês
Automedicação AND “Profissionais de saúde”.	“self-medication” AND “Healthcare professionals”.
Profissionais de saúde AND “medicamentos sem prescrição”.	“Healthcare professionals” AND “Over-the-counter medications”.
“Medicamentos sem prescrição” AND Automedicação.	“Over-the-counter medications” AND “self-medication”.
Automedicação AND “Profissionais de saúde” AND “medicamentos sem prescrição”.	“self-medication” AND “Healthcare professionals” AND “Other-the-counter medications”.

Fonte: Adaptada de “OLIVEIRA et al, 2021.

Dessa modo, foram utilizados como critérios de inclusão, artigos de pesquisa, revisões, e relatos de experiência que respondam à questão norteadora, publicados nos últimos 10 anos, a contar de janeiro de 2014 a outubro de 2024.

Como critério de não inclusão: Artigos, revisões e relatos de experiências que não tinham o tema do trabalho que correspondiam à temática ou não respondiam à questão norteadora ou não estavam disponíveis no idioma português, assim também como publicações duplicadas em base de dados diferentes que foram excluídas usando a ferramenta de automação RAYYAN.

Os estudos encontrados foram avaliados a partir dos critérios de inclusão e não inclusão pré-definidos, além disso, na busca de materiais foi lançada mão da ferramenta PRISMA para deixar a pesquisa mais clara e objetivar a etapa de avaliação, essa fase, em síntese, compreendeu principalmente a classificação dos trabalhos e servindo como base para realização de uma análise mais detalhada dos dados. Critérios como ano de publicação, resposta da questão problema e demais critérios de inclusão e não inclusão supracitados, definiram um achado bibliográfico mais enxuto e passível de revisão.

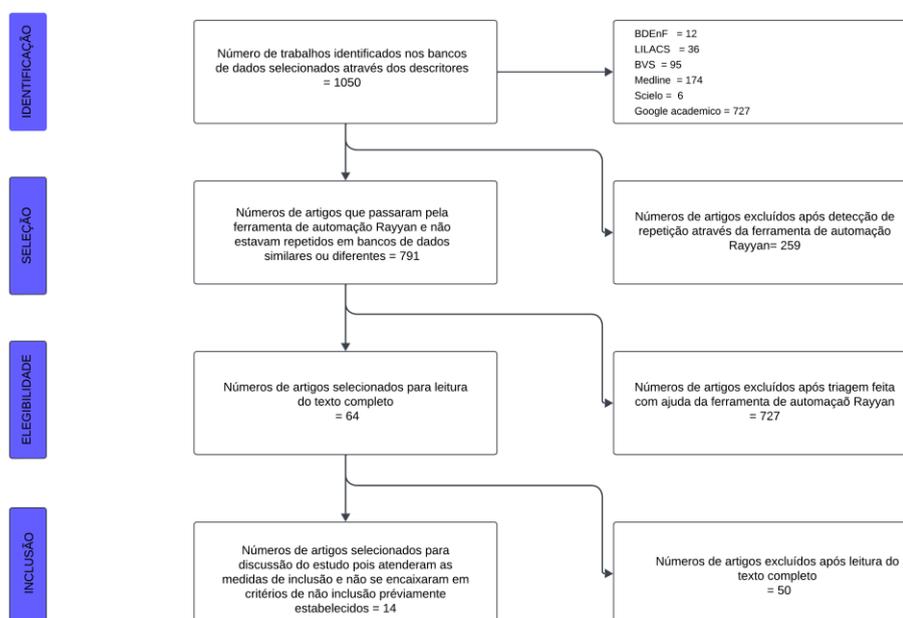
A apresentação foi embasada na construção sistêmica das referências obtidas através da metodologia empregada, as semelhanças e convergências dos materiais fomentam ainda mais a necessidade do presente estudo levando em conta a necessidade de informação acerca desta temática.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca na base de dados supracitados e utilizando os descritores foi possível identificar 1.050 trabalhos, estes foram submetidos à ferramenta RAYYAN para identificar possíveis repetições, que constatou 259 trabalhos repetidos que foram excluídos da amostra. Ainda em uso do Rayyan, foi realizada a triagem dos trabalhos através da leitura dos títulos e resumos, resultando na exclusão de 727 estudos. Por fim, foram lançados 64 materiais para aplicação dos critérios de elegibilidade, onde sofreram exclusão 50 artigos, restando para discussão 14 artigos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos.

Lançar mão da ferramenta PRISMA foi essencial para padronizar e organizar a seleção dos artigos e permitiu o prosseguimento deste estudo. Segundo Moher et al. (2015), o PRISMA consiste em uma lista de verificação de 17 itens destinada a facilitar a preparação e o relato de um protocolo robusto para a revisão sistemática, mas que atualmente vem sendo amplamente utilizado em estudos de revisão integrativa visando a padronização desses estudos. Adiante, apresenta-se o diagrama PRISMA em sua forma alterada para se encaixar nas necessidades do presente estudo (Figura 1).

Figura 1- Fluxograma detalhado dos artigos selecionados



Fonte: Autor do estudo.

Quadro 2: Estudos incluídos para discussão organizado por título, ano de publicação, autor e contribuição.

N°	TÍTULO	ANO	AUTOR	CONTRIBUIÇÃO
A1	Automedicação em profissionais da saúde	2022	Costa Almeida, et al.	A automedicação é comum entre profissionais de saúde, influenciada pelo conhecimento sobre medicamentos e pelo fácil acesso a eles.
A2	Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de COVID-19	2022	Costa, et al.	Houve aumento na prática de automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia, motivado pelo medo de contaminação e pelo fácil acesso a informações sobre medicamentos.
A3	Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde	2020	Cardoso, et al.	O estudo descobriu que cerca de 70% dos profissionais realizaram uso irracional de medicamentos nos últimos 30 dias, onde mais da maioria desses adquiriram os medicamentos em farmácias. Detectando o principal motivo para esse ato a melhora rápido de um sintoma. Além disso, os relatos evidenciaram os analgésicos como classe predominantemente utilizada, sozinha ou junto de outro tipo de medicação. Dos efeitos colaterais a sonolência e desconforto abdominal foram mais citados.
A4	Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem	2020	Machado, et al.	O presente estudo demonstrou que a automedicação é uma prática comum entre profissionais de enfermagem, sendo realizado por um número significativamente maior de enfermeiros quando comparados aos técnicos de enfermagem. Acredita-se que essa prática seja muito comum, principalmente devido ao fácil acesso. Embora a utilização de medicamentos sem prescrição possa parecer inofensivo, é necessária muita cautela pois pode levar a intoxicações e interações com outros medicamentos, além de mascarar doenças que necessitam de diagnóstico e tratamento específico.

A5	Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade	2020	Ferreira, et al.	É comum o consumo de medicamentos aumentar com a idade, no entanto estudos apontam a prevalência de uso de automedicação entre pessoas mais jovens e, correlacionam o nível escolar como fator preponderante para uso de medicamentos sem prescrição médica, visto que, os cursos na área de saúde, em geral introduzem farmacologia e devido a isso as pessoas sentem-se confiantes para usar remédios confiando no aprendizado adquirido. Quanto maior o grau de conhecimento, maior o nível de automedicação.
A6	Automedicação por profissionais de enfermagem da atenção primária e secundária em um município da região norte do país	2019	Mauricio, et al.	Muito da prevalência da automedicação entre os profissionais de enfermagem, se dá pela predisposição que vem inerente a profissão, uma vez, que a jornada de trabalho associada ao tempo pode interferir diretamente na concepção prática do profissional em relação a automedicação.
A7	Uso de substâncias psicoativas por profissionais da saúde - enfermeiros	2019	Andrade, et al.	O uso abusivo e a dependência de drogas é um fenômeno que vai além dos espaços geográficos, gêneros, classe social, econômica e cultural que quando ingeridas ou administradas no organismo causam uma alteração nos processos mentais e cognitivos do usuário.
A8	Prevalência de automedicação em profissionais de saúde de um hospital privado de São Luís-MA	2018	Pereira, et al.	Os principais motivos que levam estes profissionais a se automedicar é a autoconfiança, a facilidade de acesso aos fármacos, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde (enquanto usuários) e pela falta de tempo. Tal prática é mais comum até a quarta década de vida e entre os que possuem nível de escolaridade elevado.

A9	Automedicação entre estudantes e profissionais de enfermagem	2018	Ribeiro, et al.	O presente estudo encontrou poucos resultados referentes à prevalência da automedicação ocorrida entre profissionais da enfermagem, sendo os demais direcionados a classe estudantil como mostrado nos resultados. Entretanto, um achado importante foi o fator facilidade de obtenção de medicação pelos enfermeiros e como isso colabora para a automedicação.
A10	Prevalência da automedicação em profissionais de saúde	2017	Pissarra, et al.	O estudo possibilitou concluir que a prevalência de automedicação nos profissionais de saúde é bastante elevada, é necessário realçar o uso de antibióticos, uma vez que esta classe de medicamentos nunca deveria ser utilizada sem receita médica
A11	Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica	2016	Oliveira, et al	O conhecimento acerca das drogas e seus riscos na perspectiva do profissional de enfermagem permite visualizar sua compreensão, que contribui para o uso ou não uso das drogas, mas o profissional detém do conhecimento para compreender os riscos que está se submetendo e decidir se deve ou não seguir com este risco.
A12	Prática da automedicação entre profissionais de enfermagem de um serviço de pronto atendimento.	2015	Belém, et al.	É notório que esses profissionais se baseiam na sua prática, conhecimentos e facilidades que a profissão lhes oferece para contribuir com a automedicação, porém, é importante que busquem tratamento adequado, levando em consideração sua sintomatologia, evitando que o quadro se torne mais grave.

A13	Automedicação entre as trabalhadoras de enfermagem de um hospital de Uberaba – MG	2015	Bittar, et al.	Sobre a prevalência de automedicação entre técnicas e auxiliares de enfermagem e enfermeiras, dentre os motivos que levavam a automedicação foi citado principalmente as doenças crônicas, dessas predominado a hipertensão arterial. Além disso, as trabalhadoras relataram que houve procura por auxílio em outras classes laborais, como medicina e odontologia.
A14	Automedicação entre os profissionais de saúde.	2014	Galvan, et al.	A automedicação é caracterizada como o ato de se automedicar e essa prática se tornou um tema de grande preocupação da saúde pública nos últimos tempos. Se tratando de profissionais de saúde a prática da automedicação torna se facilitada devido ao acesso as medicações, aos conhecimentos técnicos adquiridos, assim como disponibilidade ao acesso as prescrições médicas.

Fonte: Autor do estudo.

Para facilitar a compreensão e com base em uma análise minuciosa e aprofundada dos artigos selecionados, decidiu-se organizar as produções científicas e discutir os resultados em categorias temáticas, sendo elas: “Medicamentos mais utilizados”, “Principais motivos que levam à automedicação” e “Efeitos biopsicossociais da automedicação em profissionais de saúde”.

6.1. EIXO 1 – Medicamentos mais utilizados.

A automedicação é uma prática recorrente entre os profissionais de saúde, em especial os de Enfermagem. Os estudos analisados refletem uma combinação multifatorial. O presente estudo trouxe 12 artigos que abordavam a temática de “medicamentos mais utilizados”. A análise dos trabalhos encontrados revelou um padrão consistente de medicamentos amplamente consumidos, com destaque para analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos, além de outras classes utilizadas em menor proporção, como antibióticos, antialérgicos e suplementos vitamínicos.

Assim, os analgésicos são os medicamentos mais citados em quase todos os estudos analisados, demonstrando sua ampla aceitação como a primeira escolha no ato da automedicação. Um estudo realizado em unidades básicas de saúde e unidades de pronto atendimento de Manaus, por exemplo, demonstrou que 39,3% dos profissionais de saúde indicaram o uso de analgésicos, seguidos de anti-inflamatórios (17%) e antitérmicos (12,7%) (BELÉM et al., 2015). Esse padrão de consumo reflete uma tendência generalizada, confirmada por Cardoso et al. (2020) que apontou em seu estudo os analgésicos como a classe mais utilizada por 48% dos profissionais.

Ainda segundo esses autores, a combinação de analgésicos com outros medicamentos, como anti-inflamatórios e antitérmicos, foi relatada por muitos profissionais de saúde como uma estratégia para lidar com múltiplos sintomas. Em um estudo sobre a prática de polifarmácia, 47,37% dos participantes relataram o uso simultâneo de até quatro medicamentos, sendo os analgésicos a base principal dessas combinações.

Além dos analgésicos, os antitérmicos e anti-inflamatórios também são amplamente utilizados por profissionais de saúde, especialmente para tratar sintomas como febre, inflamações e dores musculares (OLIVEIRA et al., 2023). Em uma maternidade no interior de Goiás, os profissionais relataram o uso de antitérmicos (89%) refletindo a preferência por medicamentos de uso comum e que proporcionam alívio imediato (FERREIRA et al., 2020).

Embora o uso de antibióticos seja menos frequente do que o de analgésicos e antitérmicos, também foi identificado como uma prática comum entre os profissionais de saúde. Em vários estudos, os participantes relataram recorrer a antibióticos para tratar infecções percebidas ou prevenir complicações. No entanto, essa prática é especialmente preocupante devido ao risco de resistência bacteriana associado ao uso indiscriminado de antibióticos sem prescrição médica (MACHADO et al., 2020; MAURICIO et al., 2019).

Outros medicamentos que também são citados são os antialérgicos e descongestionantes nasais, que aparecem sendo amplamente utilizados por profissionais de saúde, especialmente em contextos de alta exposição a agentes infecciosos, como emergências e maternidades. Esses medicamentos são frequentemente usados para tratar sintomas respiratórios e alérgicos leves, refletindo

uma preocupação com o alívio de desconfortos comuns no ambiente de trabalho (OLIVEIRA et al., 2023; OLIVEIRA et al., 2016).

Outra característica destacada é a prática de combinar medicamentos para tratar múltiplos sintomas simultaneamente na automedicação entre profissionais de saúde. Além das combinações citadas anteriormente, estudos como de Pissarra et al. (2017) e De Souza et al. (2016) revelam que medicamentos como antiácidos, vitaminas e descongestionantes nasais são frequentemente incluídos no regime de automedicação, muitas vezes sem a devida atenção às interações medicamentosas.

O ambiente de trabalho dos profissionais de saúde também desempenha um papel central na escolha e uso de medicamentos. O fácil acesso a medicamentos e a familiaridade com seu uso torna a automedicação uma prática comum, especialmente entre enfermeiros e técnicos de Enfermagem. Muitos relatam que a proximidade com estoques farmacêuticos e o contato constante com medicamentos durante a rotina de trabalho contribuem para a adoção dessa prática, frequentemente sem a consulta a um profissional habilitado (RIBEIRO et al., 2018; BELÉM et al., 2015). Além disso, a reutilização de prescrições antigas para doenças percebidas como semelhantes foi destacada por Galvan et al. (2014), o que caracteriza uma forma de automedicação orientada, mesmo ainda sendo inadequada, devido à ausência de acompanhamento médico atualizado.

Durante a pandemia de COVID-19, os padrões de automedicação atuais foram significativamente alterados. Muitos profissionais passaram a consumir medicamentos associados ao tratamento ou prevenção de sintomas respiratórios, como azitromicina e ivermectina, sem comprovação científica suficiente para suas indicações. Esse comportamento foi impulsionado tanto pelo medo da exposição ao vírus quanto pela dificuldade de acessar serviços médicos durante períodos críticos da pandemia (PEREIRA et al., 2018 COSTA et al., 2022).

Evidencia-se então que os medicamentos mais recorrentes entre os profissionais de saúde no ato da automedicação incluem analgésicos, anti-inflamatórios, antitérmicos, antialérgicos, descongestionantes nasais, antibióticos e suplementos vitamínicos. Esses padrões de consumo são moldados por fatores como o fácil acesso aos medicamentos, o conhecimento técnico, o ambiente laboral e a busca por alívio imediato de sintomas. A interação entre esses fatores cria um

contexto onde a automedicação é percebida como prática normal e necessária, ainda que apresente riscos significativos para a saúde individual e coletiva.

6.2. EIXO 2 - Principais motivos que levam à automedicação.

A prática da automedicação é amplamente disseminada entre os profissionais de saúde, em especial os de Enfermagem e suas causas são multifatoriais, envolvendo desde aspectos laborais e culturais até questões estruturais e sociais. A partir da análise dos trabalhos selecionados, emergem como principais fatores a busca por alívio rápido de sintomas, a sobrecarga de trabalho, o fácil acesso a medicamentos, o conhecimento técnico, dificuldades no acesso ao sistema de saúde e influências sociais e organizacionais.

O fácil acesso aos medicamentos, especialmente em ambientes hospitalares, é um dos fatores mais citados como responsável pela automedicação. Profissionais de Enfermagem frequentemente relatam que a disponibilidade de medicamentos no local de trabalho facilita o uso não supervisionado, seja por meio de estoques hospitalares ou pela troca com colegas. Em uma pesquisa realizada em uma maternidade, 52% dos profissionais obtinham medicamentos diretamente no local de trabalho (FERREIRA et al., 2020). Esse fator é agravado pela confiança derivada do conhecimento técnico: 66,5% dos profissionais relataram que o domínio sobre os medicamentos influenciou sua decisão de se automedicar (CARDOSO et al., 2020).

De acordo com Ferreira et al. (2020) o aprendizado em farmacologia durante a formação acadêmica, associado à prática clínica, é frequentemente citado como um facilitador dessa prática. Corroborando com esse exposto, Machado et al., (2020), apontam que já na carreira profissional, justifica-se o uso indiscriminado de medicamentos com base em sua capacidade de interpretar sintomas e dosar medicamentos adequadamente. Essa confiança em seu conhecimento, entretanto, pode levar à negligência dos riscos associados ao uso inadequado ou prolongado de certos fármacos.

Ainda, a necessidade de aliviar rapidamente sintomas que interferem na capacidade de trabalho e também é um dos principais gatilhos para a automedicação. Entre os sintomas mais citados estão cefaleia (92,5%), dores musculares (40,5%) e

sintomas de resfriado ou gripe (77,5%) (CARDOSO et al., 2020). Contribuindo para esse achado, Costa Almeida et al, 2022 relata que esse padrão é consistente entre profissionais de saúde em diferentes contextos, desde hospitais até UBSs e UPAs, indicando que a busca por soluções imediatas para sintomas comuns é uma prática universal.

Além disso, estudos apontam que a automedicação para dores relacionadas a problemas musculoesqueléticos é particularmente comum entre técnicos e auxiliares de Enfermagem, que frequentemente desempenham tarefas fisicamente extenuantes, como transporte de pacientes e movimentação de cargas. Esses profissionais muitas vezes recorrem a analgésicos e anti-inflamatórios para lidar com dores relacionadas ao trabalho físico intenso (FERREIRA et al., 2020; BITTAR et al., 2015).

Autores como Cardoso et al. (2020) e Ferreira et al. (2020), sinalizam que a sobrecarga ocupacional é um elemento central que motiva a automedicação. Longas jornadas de trabalho, turnos noturnos e acúmulo de responsabilidades levam os profissionais de saúde a buscarem alívio rápido para sintomas físicos e emocionais. A maioria dos estudos selecionados também demonstraram que profissionais que trabalham mais de 36 horas semanais e/ou possuem múltiplos vínculos empregatícios apresentam maior prevalência de automedicação. E segundo Machado et al. (2020) essa problemática é muito mais evidente entre mulheres, que compõem a maioria na Enfermagem e frequentemente precisam conciliar responsabilidades profissionais e domésticas, ampliando a pressão e o estresse.

A rotina desgastante também está associada a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e estresse, que frequentemente levam ao uso de medicamentos como ansiolíticos e antidepressivos sem prescrição médica. Profissionais de Enfermagem que acumulam funções administrativas, como as enfermeiras, relataram maior prevalência de transtornos psíquicos, enquanto técnicos e auxiliares enfrentam mais frequentemente dores musculoesqueléticas devido à natureza física de seu trabalho (BITTAR et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2016).

A demora no atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) e a dificuldade em conciliar o tempo de trabalho com consultas médicas são outros fatores importantes que incentivam a automedicação (MACHADO et al., 2020). Em outro estudo, 39% dos profissionais relataram que a dificuldade de acesso ao atendimento

médico como clientes era a principal razão para recorrerem ao uso de medicamentos sem prescrição (CARDOSO et al., 2020). Ambos os autores também concordam que esse motivo é ainda mais evidente em regiões onde a oferta de serviços de saúde é limitada, o que faz da automedicação uma alternativa prática, embora inadequada.

A influência de familiares, amigos e colegas de trabalho também desempenha um papel importante na prática da automedicação. Estudos revelam que 13% dos profissionais citaram a recomendação de familiares como motiva para o uso de medicamentos sem prescrição, enquanto 4% mencionaram colegas ou vizinhos como fontes de influência (COSTA ALMEIDA et al., 2022; CARDOSO et al., 2020). Essa influência é reforçada por uma cultura social que normaliza a automedicação, especialmente para condições percebidas como simples ou recorrentes.

Além disso, há uma expectativa tácita de que o profissional de saúde seja autossuficiente no cuidado de sua própria saúde, o que contribui para a perpetuação da automedicação como uma prática aceitável. Essa visão está enraizada em normas organizacionais e culturais que priorizam a produtividade em detrimento do bem-estar individual (COSTA ALMEIDA et al., 2022; GALVAN et al., 2014).

Machado et al, 2020 e Mauricio et al, 2019 trazem uma discussão interessante acerca da cultura organizacional da área da saúde citada anteriormente, segundo ambos, é quem organiza e valoriza a resiliência e a continuidade do trabalho, muitas vezes coloca os profissionais sob pressão para evitar ausências. Isso contribui para que muitos optem pela automedicação como forma de garantir sua presença no trabalho, mesmo quando enfrentam problemas de saúde. Profissionais de Enfermagem que atuam em ambientes de alta demanda, como emergências e maternidades, relataram frequentemente recorrer a medicamentos para manter seu desempenho.

Além disso, o contexto pandêmico trouxe mudanças significativas nos padrões de automedicação, com muitos profissionais utilizando medicamentos para prevenir ou tratar sintomas associados à COVID-19. De acordo com Pereira et al. (2018) e Costa et al. (2022), essa prática foi impulsionada tanto pela alta exposição ao vírus quanto pela dificuldade de acesso a cuidados médicos durante o pico da pandemia.

Por fim, a análise dos trabalhos revela que os fatores que motivam a automedicação não atuam isoladamente, mas estão interligados em uma dinâmica

complexa. Por exemplo, o fácil acesso a medicamentos e os conhecimentos técnicos interagem com a sobrecarga de trabalho e as barreiras no acesso ao sistema de saúde, criando um ambiente que favorece a automedicação. Simultaneamente, influências sociais e culturais reforçam a normalização desse comportamento, enquanto as expectativas organizacionais contribuem para sua perpetuação.

Essa integração de fatores destaca a necessidade de intervenções que vão além da conscientização individual, abordando também questões estruturais e culturais para promover o uso racional de medicamentos entre os profissionais de saúde.

6.3. EIXO 3 - Fatores biopsicossociais da automedicação em profissionais de saúde.

Embora a automedicação muitas vezes seja vista como uma solução rápida para problemas de saúde menores, essa prática pode acarretar uma série de impactos biopsicossociais que afetam tanto os indivíduos quanto o ambiente de trabalho. Os impactos psicológicos, em particular, são profundos e merecem uma análise detalhada.

Esses impactos entre profissionais de saúde são significativos e variados. Primeiramente, a pressão constante para manter a produtividade e evitar ausências no trabalho leva muitos profissionais a se automedicarem, buscando aliviar rapidamente os sintomas que poderiam afetar seu desempenho. Essa pressão é especialmente acentuada entre os enfermeiros, que muitas vezes enfrentam cargas de trabalho intensas e responsabilidades críticas (CARDOSO et al., 2020; FERREIRA et al., 2020).

O uso de medicamentos sem prescrição, pode resultar em uma falsa sensação de controle sobre a saúde. Profissionais que se automedicam frequentemente acreditam que estão gerenciando eficazmente seus sintomas, quando na verdade podem estar mascarando problemas subjacentes mais graves (MAURICIO et al., 2019). Consoante a isso, Machado et al. (2020) reforçam que esse ato pode levar a um ciclo vicioso de dependência dos medicamentos para manter a funcionalidade no trabalho.

Além disso, automedicar-se pode contribuir para o desenvolvimento de distúrbios de saúde mental (BITTAR et al., 2015). O uso constante de medicamentos para gerenciar estresse e ansiedade pode eventualmente resultar em efeitos adversos, como insônia, irritabilidade e depressão, e a falta de suporte psicológico adequado no ambiente de trabalho contribui significativamente para o aumento da automedicação e dos problemas de saúde mental entre profissionais de enfermagem (ANDRADE et al., 2019).

A automedicação também pode levar a um estado de exaustão emocional e burnout. Enfermeiros que se automedicam para lidar com as demandas físicas e emocionais do trabalho podem acabar ignorando a necessidade de cuidados médicos apropriados e descanso adequado. O burnout resultante não só afeta a saúde mental dos profissionais, mas também compromete a qualidade do atendimento prestado aos pacientes (RIBEIRO, 2020; ANDRADE et al., 2019).

Outro aspecto psicológico a ser considerado é a percepção de invulnerabilidade. Profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, frequentemente desenvolvem uma sensação de invulnerabilidade devido ao seu conhecimento e acesso a medicamentos. Essa percepção pode levar à negligência de sinais de alerta e ao atraso na busca por cuidados médicos apropriados, aumentando os riscos à saúde em longo prazo (COSTA ALMEIDA et al., 2022; BELÉM et al., 2015).

O impacto psicológico da automedicação também se estende às relações interpessoais no ambiente de trabalho. A dependência de medicamentos pode afetar a capacidade de comunicação e interação dos profissionais, resultando em conflitos e isolamento (OLIVEIRA et al., 2023). A falta de apoio e compreensão dos colegas pode agravar a sensação de estresse e ansiedade, criando um ciclo difícil de quebrar (RIBEIRO et al., 2020).

Igualmente, o uso de psicoativos é também citado por Ribeiro et al. (2020) e Andrade et al. (2019), segundo os autores, o uso de psicoativos é outro fator de grande relevância para a automedicação, pois são frequentemente utilizados para lidar com a alta carga de trabalho inerentes à profissão. Embora esses medicamentos possam proporcionar alívio temporário, o uso prolongado pode levar à dependência, agravando ainda mais os problemas de saúde mental aumentando o risco de efeitos colaterais graves como depressão severa e crises de ansiedade.

Os impactos biológicos da automedicação são igualmente significativos. Incluem os efeitos adversos dos medicamentos quando utilizados sem supervisão médica adequada. Os profissionais de saúde, devido ao fácil acesso a medicamentos e ao conhecimento sobre eles, frequentemente recorrem à automedicação para aliviar sintomas menores ou continuar trabalhando sem interrupções (OLIVEIRA et al., 2023; MACHADO et al., 2020).

O uso inadequado de medicamentos pode resultar em efeitos colaterais, interações medicamentosas perigosas e resistência antimicrobiana (XAVIER et al., 2021). Por outro lado, os impactos sociais da automedicação incluem a influência negativa no comportamento de colegas de trabalho e a criação de uma cultura onde a automedicação é vista como uma solução rápida e aceitável para problemas de saúde (CARDOSO et al., 2020). Desta maneira, a automedicação pode afetar até mesmo a qualidade do atendimento ao paciente, uma vez que profissionais que não estão em plena capacidade física ou mental devido aos efeitos adversos de medicamentos automedicados podem cometer erros no atendimento, colocando em risco a segurança do paciente (MACHADO et al., 2020).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da automedicação entre os profissionais de saúde é uma questão que revela uma combinação de fatores laborais, culturais, sociais e estruturais. Ao longo deste trabalho, analisou-se o padrão de consumo dos medicamentos mais utilizados, os principais motivos que levam a essa prática e os fatores biopsicossociais envolvidos. Os achados apontam para a necessidade de um olhar mais crítico e integrativo sobre a temática, uma vez que as consequências dessa prática afetam tanto a saúde individual dos profissionais quanto a qualidade da assistência prestada aos pacientes.

Diante desses resultados, torna-se evidente que a automedicação não é apenas uma questão individual, mas também um reflexo de condições estruturais e culturais que permeiam o ambiente de trabalho dos profissionais de saúde. A proximidade com estoques farmacêuticos, a percepção de invulnerabilidade associada ao conhecimento técnico e a pressão organizacional para evitar ausências são fatores que precisam ser enfrentados de forma sistêmica. Dessa forma, é imprescindível que sejam implementadas políticas de conscientização sobre os riscos da automedicação, além de intervenções que promovam o bem-estar físico e mental dos profissionais, reduzindo a sobrecarga de trabalho e facilitando o acesso a cuidados médicos adequados.

Além disso, foi possível identificar que nos últimos 10 anos existe uma gama de estudos relacionados à automedicação, entretanto, poucos deles abordam os fatores biopsicossociais que afetam os profissionais de saúde, incluindo os profissionais de enfermagem, permitindo dizer que esse é um assunto que necessita ser mais estudado.

Por fim, o estudo reforça a importância de uma abordagem interdisciplinar para o enfrentamento da automedicação, considerando as múltiplas dimensões que influenciam essa prática. Investir na educação continuada dos profissionais de saúde sobre o uso racional de medicamentos, assim como em estratégias para melhorar as condições de trabalho e o suporte psicológico, é essencial para minimizar os riscos associados à automedicação e promover uma assistência de maior qualidade tanto para os profissionais quanto para os pacientes.

REFERÊNCIAS

BRITO, Éverton Guedes de. Automedicação dos profissionais de saúde: uma revisão de literatura. **CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde**, 2018.

CARDOSO, Lânia da Silva; DA SILVA, Adriana Maria Costa; ANDRADE, Nilton Magalhães; et al. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 12, p. e4761, 2020.

COSTA, Ruth Silva Lima Da; GALDINO, Ana Cássia De Araújo; MACEDO, Giovana Da Silva; et al. Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de covid-19. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 11, p. e4725, 2022.

DOMINGUES PHF, et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, 2015; 49(36): 110.

DUARTE, Felipe de Souza; FREITAS, Leonardo Oliveira; SILVA, Silvio Rocha Correa da. Automedicação em pacientes com odontalgia aguda durante a pandemia da COVID-19. **Revista de Medicina**, v. 102, n. 6, p. e-217629, 2023.

COSTA ALMEIDA, Alaide et al. AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE. 2022.

VILARINO, Jorge F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 32, p. 43-49, 1998.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Automedicação. **Dicas em saúde**, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html. Acesso em: 8 novembro. 2024

FEKADU, Gineno; DUGASSA, Dinka; NEGERA, Getandale Zeleke; et al. Práticas de automedicação e fatores associados entre profissionais de saúde em hospitais selecionados do oeste da Etiópia. **Preferência e adesão do paciente**, v. 14, p. 353–361, 2020.

FERREIRA, Francisca Das Chagas G.; LUNA, Graziela Gomes De; IZEL, Isabel Cristina M.; et al. O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática/ The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1505– 1518, 2021.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020.

GOMES¹, Alan Hílame Diniz et al. Riscos da automedicação na pandemia por Covid-19: o dilema entre informações midiáticas e científicas. **Copyright© Editora Amplla Editor Chefe: Leonardo Pereira Tavares**, p. 40, 2020.

GONZAGA, C. E., KOTZE, P. G., & OLANDOSKI, M. Prevalence of self- medication for dyspeptic symptoms in primary care: a Brazilian Survey. **Arquivos De Gastroenterologia**, 58(3), 364–369, 2021.

LUCA, M. M. de.; VENTURI, M. T. I. .; CARVALHO, B. C. de .; VITORINO, L. M. .; CORTEZ, P. J. O. . Self-medication among health professional during the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. e1212440764, 2023.

SADO, Edão; KASSAHUN, Endashaw; BAYISA, Getu; et al . Epidemiologia da automedicação com medicamentos modernos entre profissionais de saúde na cidade de Nekemte, oeste da Etiópia. **BMC Research Notes** , v. 10, n. 1, pág.533, 2017.

MACHADO, Jackcelly; SILVA, Claudinei Mesquita da; PEDER, Leyde Daiane de. CONCEPÇÕES SOBRE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 7, n. 13, p. 10–15, 2020.

MARIN E. et al. Avaliação da automedicação com antiinflamatórios não- esteróides em farmácias comerciais de Santa Maria– RS. **Disciplinarum Scientia| Saúde**. 2016; 6.1: 1-11.

MATOS, Januária Fonseca; PENA, Davi Alexander Costa; PARREIRA, Milena Pereira; et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 76–83, 2018.

MACIEL MPGS, et al. Uso de medicamentos psicoativos entre profissionais. **Revista enferm UFPE, Recife**, 2017; 11(7): 2881-2887

Organização Mundial da Saúde. The role of the pharmacist in self-care and self-medication [Internet]. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 1998. Acesso em 13/03/2020.

REIS MAS, et al. Medicamentos potencialmente perigosos: identificação de riscos e barreiras de prevenção de erros em terapia intensiva. **Texto contexto - enferm**. Florianópolis, 2018; 27(2): 57-100.

SANTOS, Thaís Martins dos; ZATTAR, Taís Aparecida; ALENCAR, Bianca Teshima de; *et al.* Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, p. e54111213760–e54111213760, 2022.

TOMASI E. et al. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Rev. Bras. Epidemiol.** Rio Grande do Sul, 2007;10(1):66-74.

XAVIER, M. S.; CASTRO, H. N.; DE SOUZA, L. G. D.; DE OLIVEIRA, Y. S. L.; TAFURI, N. F.; AMÂNCIO, N. de F. G. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura / Self-medication and health risk: a literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 225–240, 2021.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

MOHER, David et al. Preferred reporting items for systematic review and metaanalysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. **Systematic reviews**, v. 4, p. 19, 2015.

DE SOUZA, Deyverson Ricardo Pereira; NETA, Maria Esméria. Automedicação por profissionais e acadêmicos da área da saúde: uma revisão de literatura. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 2, p. 965-974, 2016.

Galvan, M. R., Dal Pai, D., & Echevarría-Guanilo, M. E. (2014). Automedicação entre profissionais da saúde. *Revista Mineira de Enfermagem*, 20. <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20160029>.

OLIVEIRA, Elizia Mara Alves; SILVA, Raissa Campos; SOARES, Karolainy Campos. A automedicação em profissionais da saúde: Uma revisão integrativa. 2023. 14 pág. Trabalho de Conclusão de Curso (Interdisciplinar de Farmácia e Enfermagem) – Centro Universitário UniFTC, Vitória da Conquista, 2023.

PISSARA, I.; GALLARDO, Eugenia; ROSADO, Tiago. Prevalência da automedicação em profissionais da saúde. **Revista de ciências da saúde da ESSCVP**, v. 9, 2017.

OLIVEIRA, Alessandro Fábio; TEIXEIRA, Enéas Rangel. Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, Recife, v. 10, n. 1, p. 24–31, 2015. DOI: 10.5205/1981-8963-v10i1a10917p24-31-2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/10917>.

PEREIRA, Wellison Amorim; ALMEIDA, José Augusto Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Raíssa Guará; MOTTA, Elizângela Araújo Pestana. ** Prevalência de automedicação em profissionais de saúde de um hospital privado de São Luís-MA. *Revista de Investigação Biomédica*, São Luís, v. 10, n. 2, p. 142-154, 2018.

FERREIRA, N. F. P. Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma maternidade. Orientação de Elias Emanuel Silva Mota; Goianésia: Faculdade Evangélica de Goianésia, 2020, 22p. Artigo de Graduação.

Ribeiro, Í. A. P., Fernandes, M. A., Rocha, D. M. de, Silva, J. S. e, Ribeiro, H. K. P., & Soares, N. S. A. (2020). Consumo de substâncias psicoativas por trabalhadores de enfermagem: uma revisão integrativa. *Texto contexto - enferm*, 29, e20180488. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0488>.

BELÉM, Maria Salabá Pereira. **PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DE UM SERVIÇO DE PRONTO ATENDIMENTO**. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Amazonas.

MAURICIO, Marina Gabriela Oliveira De Jesus; SOUZA, Nunes Monteiro Da Silva1 Rafael. AUTOMEDICAÇÃO POR PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DA ATENÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA EM UM MUNICÍPIO DA REGIÃO NORTE DO PAÍS CARE NURSING PROFESSIONALS PRIMARY AND SECONDARY IN A COUNTRY IN THE NORTHERN COUNTRY, 2019.

RIBEIRO, Letícia dos Santos; OLIVEIRA, Camila Batista. Automedicação entre estudantes e profissionais de enfermagem. 2018.

ANDRADE, Graziely Sadou Pereira; PINTO, K. D. S.; BARRETO, Carla Alessandra. Uso de substâncias psicoativas por profissionais da saúde–enfermeiros. **Revista Saúde em foco [Internet]**, v. 11, p. 588-598, 2019.

BITTAR, Cléria Maria Lobo; GONTIJO, Isabel Lucas. Automedicação entre as trabalhadoras de enfermagem de um hospital de Uberaba–MG. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, n. 2, p. 1229-1238, 2015.